

VALOR

VALOR

Luily Cruz

Hoje é sábado, mas não qualquer sábado. Hoje é véspera de Círio.
 A transladação vai ser babado, como sempre é.
 A maniçoba já está no fogo. O camarão está sendo descascado. A casa está
 uma zona: todos se preparam para o Natal dos paraenses.
 A cidade está brilhando e cheia de gente.
 Os romeiros já chegaram. Os turistas também.
 A sacada da Fafá está cheia de famosos. Todos ansiosos para verem a
 Nazinha.
 Não sou católica, mas eu amo o Círio. Amo a energia que fica a cidade. Amo
 cantar as músicas, admirar a decoração, levar as crianças no parque.
 Belém fica um caos. Caos bonito.
 Mas isso é lá. Eu estou aqui.
 Morar longe tem dessas coisas: a gente perde momentos de valor.
 Valor significa preço alto. Acho que é um eufemismo chamar isso de valor.

 Em Macapá tem Círio de Nazaré.
 Mas não tem a caminhada da transladação com as minhas amigas, o
 empurra-empurra para ver a santa, enquanto encontra vários conhecidos.
 Não tem o almoço de família no domingo, o cheiro da maniçoba torando,
 as conversas de primas, o café da tarde naquele tempo de sensação térmica de
 37°.

Em Macapá, pelo menos, tem a sensação térmica. Até pior...

Belém... o cheiro da chuva depois do almoço, o tacacá lazarando no final da tarde de domingo, um sorvete da Cairu pra refrescar. Que saudade...

Valor é, sem dúvida, um eufemismo.

Quando adolescente, eu sonhava em ganhar o mundo, ir embora. As palavras têm força: eu fui. Há anos tento voltar, mas Belém só me quer como visita.

Sempre penso no quanto deveria ter feito mais:

Ter dançado mais no Arraial do Pavulagem, ter ido mais ao Combu, ter feito mais caminhadas na transladação (mesmo com os pés doendo). Ter ido mais vezes ao Mormaço com as amigas – dançar até amanhecer e chegar em casa com o pão. Comer peixe frito com açaí no Ver-o-peso, ao invés de ter ido ao shopping. Assistir ao pôr-do-sol na Estação das Docas.

Hoje, quando vou à minha cidade, me sinto turista, pois faço tudo isso. Deveria ter feito mais na adolescência.

Há um ditado antigo: “só se dá valor naquilo que se perde”. Eu diria diferente, quando se trata da nossa raiz ou de Belém: só se dá valor depois que cresce, depois que vai embora.

Viva, Nossa Senhora de Nazaré! Viva!